



**SANTUÁRIO DO SENHOR DO BOMFIM.  
SALA DE MILAGRES E MUSEU DOS EX-VOTOS: PATRIMÔNIO  
CULTURAL, FÉ E INFORMAÇÃO**

José Cláudio Alves de Oliveira (<sup>1</sup>)  
[claudius@pesquisador.cnpq.br](mailto:claudius@pesquisador.cnpq.br)

**Resumo:** Este artigo, ligado ao campo do Patrimônio cultural, apresenta os ex-votos do Santuário do Nosso Senhor Bom Jesus do Bomfim, em Salvador, Bahia. Em seu conteúdo, além de um breve histórico sobre este que é um dos mais visitados santuários do Brasil, está a importância do objeto ex-votivo enquanto patrimônio cultural, significativo para a crença católica, para os estudos da história social que revelam as atitudes do homem diante do medo, da alegria, riqueza, conquistas e derrotas, são as informações que o rico objeto ex-votivo traz ao mundo. O texto enfoca dois espaços diferenciados que apresentam os ex-votos: a sala de milagres e o museu. Ambos com aspectos divergentes que recaem na visita, nos olhares e no ritmo comunicacional sobre os ex-votos.

**Palavras-chave:** Ex-votos, santuários, religiosidade, patrimônio cultural.

O núcleo do espaço aqui apresentado é por demais famoso no Brasil. O espaço geográfico situado na freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapagipe, onde há uma divisão, no sul, fazendo fronteira com a freguesia de Santo Antônio além do Carmo; pelo Leste com a Nossa Senhora de Brotas; e tem pelo Norte com a de São Bartolomeu de Pirajá. O núcleo é exatamente a filial da freguesia de Nossa Senhora da Penha: a igreja do Senhor Bom Jesus do Bomfim, que também faz limites com as igrejas dos Mares, da Boa Viagem e de Montserrat.

Todo esse espaço geográfico foi planejado e estruturado pelo Exmo. Conde das Galvêas André de Melo e Castro, quinto vice-Rei do Estado, que governou a capitania da Bahia entre 11 de maio de 1735 a 16 de novembro de 1749. No seu tempo de mandato fundaram os religiosos de Nossa Senhora da Conceição, em 1744, assim como foram construídos mais três conventos religiosos: o das Ursulinas, a igreja de Nossa Senhora da Soledade, e a de Nossa Senhora das Mercês. (VILHENA, 1969)

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Comunicação pela FACOM-UFBA.

O século XVIII é sinônimo de riqueza e de maior profusão religiosa nas cidades. As sobras da riqueza produzida pela economia de exportação na segunda metade desse século permitiu a construção de quase todos os grandes templos católicos, entre os quais o Bomfim.

O bairro do Bomfim do século XVIII é uma área de ricos, com todos os privilégios instalados em uma colina que não apenas é “sagrada” mas privilegiada por sua posição e pelo seu requinte dado de forma tenaz por políticos e senhores de engenhos, moradores-donos dos terrenos que cercam a igreja. Ainda que a tímida arquitetura das casas demonstrasse a pomposidade da futura burguesia em contradição com o trabalhador, que em condições totais de humilhação e submissão, era vendido, trocado e despossuído dos seus direitos.

No século XIX a abolição vem – tramada por forças externas – e garante mais ainda a mistura das línguas. O sincretismo religioso já se desenvolvendo em torno da “Colina Sagrada”, onde a exploração é apenas do ioiô e da iaiá aos seus escravos e onde a miséria não é vista nas ruas. Época em que a exaltação a Oxalá como o Senhor do Bomfim já é possível, porém, sincretismo que os brancos não referenciavam.

A capela, iniciada em 1745, terá sua fachada pronta em 1772, época posterior à colocação da imagem de Nossa Senhora da Guia (1754) que proporcionou festejos nos domingos posteriores à festa do Bomfim. Com torres em dois corpos e frontão rococó, desenvolveu-se em entalhamento da capela-mor em 1814, pelo entalhador Antônio Joaquim dos Santos. A pintura do teto ficou a cargo do artista Antônio Joaquim Franco Velasco.

Ainda nessa época os ex-votos das promessas ao Nosso Senhor Bom Jesus do Bomfim eram guardados em dois mostruários da sacristia. São ex-votos de prata e ouro. A casa de milagres, outrora chamada Sacristia dos Milagres, é um cômodo assim denominado por ser nele guardados em exposição permanente, os ex-votos em cera ou pintados em quadros a óleo, a aquarela ou fotografadas.

Devido à romaria e festas, a partir de 1809, novas fontes de água potável vão sendo facilitadas aos peregrinos. Fontes como Nova, Mangueira, do Gama da calçada, servindo-os em todo percurso da Conceição à “Colina Sagrada”.

A política chega à administração e as eleições internas vão instituindo cargos a seus funcionários. Ela, a política, vai também proporcionar projetos de desenvolvimento de avenidas importantes, como a dos Mares e Jequitaia, ambos em 1815. Em 1909, o largo e a capela terão uma nova residência vizinha: a casa dos romeiros. É, na verdade,

um casarão de propriedade do próprio intendente em colaboração ao grande fluxo convergente de romeiros ao Bomfim. Tanto as avenidas, como a casa dos romeiros e as fontes têm caráter de apoio às melhorias das condições dos romeiros.

Todo este desenvolvimento tem uma causa: A cultura religiosa. A religiosidade foi impulsionada, entre outros motivos relevantes, às mentalidades, ao afluxo, ao crescimento da própria cidade, onde o homem proporcionou o seu desenvolvimento, culminando com o crescimento e contradições da cidade.

### **Senhor do Bomfim: Devoção e festa**

Em 1745, viajando para a província da Bahia, e sofrendo durante a sua viagem avariações em sua nau, o Capitão Teodósio Rodrigues de Farias, devoto ao Senhor do Bomfim de Setúbal, fez a promessa de que, chegando a salvo à cidade de Salvador, construiria uma igreja num local alto onde as pessoas que chegassem pelo mar, da Baía de Todos os Santos, pudessem avistar o templo. Certamente um local estratégico e aprazível. Daí, então, ser escolhido a colina de Montserrat, onde hoje está situada a igreja, hoje devocionalmente aclamada pelo soteropolitano como “Colina Sagrada”. (v. fig. 1) O referido templo levou nove anos para ser construído, e por isso só em 1754 deu-se a introdução da imagem que durante este período ficara recolhida no palácio arquiépiscopal de veraneio onde se denomina Igreja da Penha em Itapagipe (Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pópulo da Penha de França de Itapagipe de Baixo e Nosso Senhor Crucificado). (CARVALHO, 1914)

A origem de toda história do Bomfim está em Setúbal, Portugal. Foi lá que a imagem do Bom Jesus foi encontrada, e a partir do achado, a necessidade de dar a ela um “bom fim”. Daí a explicação para a escrita do “bomfim” com “m”. Ficou então o nome do templo e da imagem, que tem um bom fim (a igreja) e que por isso tornou-se Senhor Bom Jesus do Bom Fim de Setúbal. São dois “emes”, ao contrário do que é escrito em muitos lugares. São dois “emes” o Bomfim de Setúbal e o da “Colina Sagrada” de Salvador, que tem seu ideal ex-votivo de Portugal para o Brasil por um certo marinheiro, que para muitos não passou de pirata, mas que, depois de tormentos em alto-mar, invocou o santo de Setúbal e prometeu-o edificar um templo em um lugar na cidade de São Salvador. (CARVALHO FILHO, 1923)

A imagem do Bom Jesus ficou na Penha de Itapagipe até sua transladação em 24 de junho de 1754. Como à época a administração do Bomfim não era autônoma a difusão de ex-votos deu-se na Penha. Segundo a direção do museu, apenas a imagem foi preservada, todos os ex-votos dos anos 1745 a 1754 se perderam.



**Fig. 1. Vista da igreja do Bomfim**

A devoção da referida imagem viu-se acentuando gradativamente, isso porque o próprio relacionamento de seu fundador com a sociedade fizera com que as classes mais abastadas da época, que passaram a visitá-la todas as sextas-feiras sem contanto deixar de enviar seus escravos para, na quinta-feira, fazerem a lavagem da igreja. Sabe-se que o dia de sexta-feira se referencia a Nosso Senhor do Bomfim que no sincretismo religioso africano quer dizer Oxalá.

Após a abolição da escravatura a lavagem continuou a ser efetuada por negros que pouco a pouco foram modificando a sua forma. Isso porque deixava de ser uma obrigação religiosa.

O cortejo da lavagem tem o seu itinerário sempre a partir da Conceição da Praia, entretanto é bom que se ressalte que de início o mesmo era feito por via marítima, os barcos ancoravam até o alto da colina. Mais tarde, com o aterro da parte da cidade baixa a viagem passou a ser feita por bondes de burros e carroças, até que foi construída Avenida Jequitiaia, e com o advento do bonde elétrico, tornou-se mais viável e rápido o percurso.

Muitos vinham a pé, outros dos mais diversos meios de transporte, até mesmo a cavalo; como ainda hoje o fazem. Com o passar do tempo a lavagem se tornou tradição, embora de forma diferente. A multidão é imensa, as barracas proliferam-se, e os peregrinos deixam a Conceição às primeiras horas da segunda quinta-feira do mês de janeiro.

Antecedendo à Lavagem, acontece, na igreja, a novena em homenagem ao Santo. No início, várias eram as embarcações que vinham do interior e por não existir nenhum tipo de iluminação na cidade, grande quantidade de feixes de lenha era trazida dos mais diversos pontos do Recôncavo Baiano, por via marítima, e depois empilhada na ladeira que dá acesso pelo fundo da igreja ao seu largo (hoje Ladeira da Lenha) no qual eram armadas fogueiras para os folguedos noturnos, que mais tarde foram substituídos pelos lampiões, seguidos dos gasômetros e finalmente pela luz elétrica.

### **Os ex-votos**

Um velho Aurélio nos diz: “Quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera ou madeira etc. que se oferece e se expõe numa igreja ou numa capela em comemoração de um voto ou promessa cumprida”. (FERREIRA, 1975)

De forma geral as enciclopédias trazem as seguintes conclusões: a de que se coloca numa igreja, numa capela etc., oferenda entregue após um voto formulado e atendido pelos deuses, nos tempos do paganismo, a Deus, a virgem Maria e aos Santos, na vigência do cristianismo, em ocasiões de angústias, doença mortal, perigo de morte dos animais domésticos e semelhantes.

Constata-se que, tanto nos dicionários como as enciclopédias, os ex-votos são objetos depositados em templos, após a graça ou o pedido alcançado. Mesmo seguindo o conceito original do que é o ex-voto podemos notar muitos “pedidos” no Bomfim. São objetos que antecedem aos pagamentos das promessas. Cartões de identificação de vestibulandos são um exemplo. Há cartões com datas ainda a serem cumpridas pelo tempo, mas já com pequenos bilhetes – ou não – pedindo a aprovação no vestibular. As fitinhas do Bomfim, como outro exemplo, vão mais além. Elas além de uso corporal, são depositadas, enlaçadas, nas cruces do museu e da “Sala de Milagres” acompanhadas de oração e pedidos para um simples “bom dia” ou “Feliz ano novo”. A vela constitui um ex-voto, ela, queimada, terá novamente outra, marcando um ciclo de rezas sempre referenciando diversificados pedidos. Pedidos momentâneos e duráveis.

Os ex-votos do Bomfim podem ser vistos em duas etapas. Na sala de milagres, no corredor ao lado direito da nave única da igreja, e no Museu dos Ex-votos, que ocupa parte superior, no presbitério, cujas escadas se iniciam na sala de milagres. No Museu estão os ex-votos considerados “especiais”, de destaque durante os tempos ou aqueles

“ofertados” por devotos ilustres da cidade. O que mais chama atenção é o ex-voto do escravo Amaro, feito por Manuel do Bomfim, em 1868. A estatueta é toda de cedro e mede 50 cm, está na segunda sala do museu. Outro destaque é o imenso órgão musical, de 1854. A quantidade também parece infinita, porem, com se trata de um museu, o acervo possui menos volume do que a sala de milagres, que cotidianamente ganha objetos. (Fig. 2)



O escravo Amaro - 1868. Ex-voto de cedro, produzido por Manuel do Bomfim.

**Fig. 2 Detalhe do Museu dos Ex-votos**

Hoje a tipologia dos ex-votos da sala de milagres do Bomfim parece ser infinita. A variedade percebida mostra bilhetes, cartas e cartões, berimbau, estatuetas, fitas, cabelos, fotocópias variadas, fotografias, diplomas, desenhos, quadros pintados, cruzes, radiografias, esculturas de madeira e de cera, chaves, ataduras, botons, extratos bancários, quepe de soldado, capacete de operário, carteira estudantil, colares, insígnias, sapato, requisição (acompanhada do resultado do exame), carteira de cédulas, caixa de remédio, vestimenta (variadas), cédulas e moedas, terços, mobiliário, órgão musical, relógio, prataria, figas, chaves, espadas em miniatura, tesoura, argolas, pedras, instrumentos musicais, murais de fotografias e reportagens, taças, cálices, lápides, livros, discos, olhos de vidro, marca-passos, vasos de louça e porcelana, dissertação de tese, convites de formandos, castiçais, becas... (v. fig. 3)

Nota-se a diminuição dos quadros pintados pelos “riscadores de milagres”, devido ao próprio tempo. A marca da evolução da história econômica é clara. Hoje, concluímos que a fotografia veio sobrepor à pintura. Há uma infinidade de fotos 3X4. Elas passam, ainda, por uma noção de economia no próprio estudo das fotografias. O

uso de murais de fotografias, 3X4 e 9X12 é a principal alternativa para enaltecer um processo de graça.



**Fig. 3. Aspecto da sala de milagres**

Os ex-votos de parafina não vão para o museu, ficam, portanto, restritos à “Sala de Milagres”. Após algum tempo expostos eles são doados às Obras Assistenciais Irmã Dulce, onde são levados para uma oficina que os derrete e os tornam velas para venda.

Já os quadros, hoje em número bastante reduzido, e com tendência a diminuir, são levados, após seleção, para o museu. O critério usado, então, é para aqueles de maior teor da história e de expressão artística mais bem acabada. No museu há quadros ainda do século XIX, como o milagre do Tenente José Bittencourt Berenger César Júnior, de 1855.

Expostos em vitrines, estão os objetos de valor e de doações. São cédulas estrangeiras, moedas estrangeiras e nacionais; tolhas prateadas; livros de fundações brasileiras; prataria; terços com medalhas de ouro; e duas versões do hino ao Senhor do Bomfim. Há um curioso ex-voto. Trata-se de uma moeda de 50 centavos, amassada, com os seguintes dizeres: “Milagres que fez o Senhor do Bomfim quando uma bala resvalou nesta moeda que eu trazia no bolso da camisa”.

Para a direção do museu a divisão – o que diferencia a “Sala de Milagres” do museu – está no valor do acervo. De fato. As peças mais antigas estão no museu. Bem como os de maior valor. Outro detalhe é a questão da segurança e de referência religiosa entre o homem e o ex-voto. A “sala de Milagres” é aberta ao público eromeiros sem

imposição de pagamento, o que não acontece com o museu, que cobra uma pequena taxa.

É na “Sala de Milagres” que os ex-votos são depositados. Verificou-se que também no museu são depositados objetos, tais como as famosas fitinhas e retratos que realmente chamam a atenção do público. Como também peças que são usadas em missas celebradas pelo arcebispo. É bem verdade que o museu possui uma área bem maior: são duas salas que acomodam, na primeira entrada, vestimentas e mobiliário, além de uma diversidade de objetos ofertados; na segunda, as vitrines e objetos de grande valor.

Vêm-se, então, a divisão por objetos, o seu valor, a idade e a dimensão do objeto. Há, certamente, similaridade entre objetos, como é o caso das fotografias. (grandes e pequenas)

A questão da vinculação tem aspectos na origem e desenvolvimento. A primeira diz respeito à criação do museu. Ela se deu a partir da acumulação de ex-votos na “Sala de Milagres”, exceto os grandes objetos de promessas e ofertas. Ou seja, o museu nasce a partir da “Sala de Milagres”. O segundo aspecto refere-se à transladação do ex-voto. Ainda hoje muitos ex-votos são enviados ao museu quando se nota uma maior atratividade e valor.

Fica evidenciada uma divisão através do valor e expressividade dos objetos. É uma vinculação onde acontece o processo ex-voto-sala de milagres-museu. Assim sendo, a “sala de Milagres” tem um caráter mais que expositivo. Nela o peregrino reza e até acende velas (contrário aos princípios da administração), deposita o ex-voto e apenas observa todo o acervo. É como um museu não-tradicional, dinâmico e produtivo, onde a ficha de identificação é desnecessária à observação pública, pois a maioria dos ex-votos é acompanhada pelas palavras do próprio pagador da promessa.

Com relação ao público, nota-se, baseado no velho conceito de museu, uma maior importância dada ao museu. Ele é um “deslumbre”; propõe uma imponência e chega a ser algo dantesco em relação aos olhares do público. Isso se deve a funcionalidade. O museu fecha em um período maior de tempo durante o dia, o que faz com que haja uma apreensiva expectativa por parte dos visitantes.

Do ponto de vista da vinculação verifica-se que a religiosidade é mais atuante na “Sala de Milagres”. Nela, o sentido da fé, sua prática religiosa engloba as rezas, oferendas e manifestações (artísticas e místicas) desenvolvem com mais liberdade e sem taxas. De modo geral é a religiosidade que proporciona o museu, com um acervo

diversificado e mais leve em relação às pesadas peças ofertadas pelas tradicionais famílias.

A “Sala de Milagres” não é museu. E por isso não é “lugar de coisa velha”. Dinamiza mais o seu acervo e dá ao pesquisador uma maior percepção do estudo da fé. Ela faz parte do estudo da Museologia, aproxima-se mais da ciência, e não é tradicional em seus aspectos de exposição.

Com divisão e com vinculação, a “Sala de Milagres” conduz o público ao museu direta e indiretamente. No primeiro, ela é via, e caminho para a porta do museu, é também uma prévia do acervo do museu. No segundo, ela conduz o próprio objeto ao museu, aumentando o seu acervo.

### **Ex-votos: a arte vinculada à fé**

Em seu trabalho “Riscadores de Milagres” um estudo sobre a arte genuína “Clarival do Prado Valladares” referencia sua primeira pesquisa as sala de ex-votos do Bomfim, onde unificou “um território de excepcional interesse interpretativo e documentação”. Compreendeu “que o ex-voto e o funeral fazem as manifestações mais graves para a manifestação estética do artista primitivo”. (VALLADARES, 1967)

Ainda em seu trabalho Clarival referencia um dos mais famosos “riscadores de milagres”. Apelidado de Toilette di Flora, João Duarte da Silva, o João Pinguelinho, produziu um grande número de quadros ainda hoje parte deles encontrada no museu. Iniciou-se como pintor, ganhando a vida neste ofício, até passar a ser vendedor de cartões de jogo-do-bicho. João faleceu em 1933, soterrado por sua própria casa, desabada num temporal.

A vinculação da arte à fé ou vice-versa é percebida pela expressão, não da figura produtiva, mas como catarse que serve de escape para expor idéias, sentimento de fé àquilo que foi concretizado depois de um certo sofrimento. A catarse está numa certa explosão de contentamento após ter a graça alcançada. Um fato aqui constatado. Os ex-votos artísticos são oferecidos, depositados, após o “milagre” concebido pelo santo. O que difere dos outros ex-votos que são depositados antes – também depois – do “milagre”. Neste caso é o próprio pagador da promessa que produz a arte. Ela, a este, pode ser “vulgar”, “menor” ou “primitiva” as possui contornos que expressam com nitidez um sofrimento, e chegam a passar ares de sobriedade, peso, temor e alegria,

conceitos estético-filosóficos que nos fazem ver a arte com profundidade, fugindo, então, do rigor descritivo.

A arte ainda é vinculada à fé com o trabalho dos “Riscadores de Milagres”. Ela é encomendada e sugerida pelo pagador da promessa, o romeiro ou o peregrino. Sua vinculação agora não está na ligação artística – arte – fé, mas no pensamento do pagador ao artista que apenas tecnicamente produz o quadro ou a escultura. É uma arte encomendada, pronta para a promessa. Aqui, o que difere o riscado de milagres dos quadros e esculturas é a encomenda. Aqui não se escolhe o “pronto”, pelo contrário, sugere a cena, não os traços.

Certamente que o ex-voto produzido pelo próprio pagador da promessa tem um teor mais aguçado no sentido de externar a sua catarse. Pois, além disso, o “riscador de milagres” já é um atravessador, alguém que se aproveita da propagação da fé para ganhar sobre ela através dos seus produtos encomendados por alguém que tem fé e que necessita do objeto ex-votivo.

A arte escultórica dos ex-votos do Bomfim não tem muita expressividade. Parte dela é constituída de bustos – isso na parte tridimensional – e miniaturas de casas e carros. Todos esses sob encomenda. Os segundos expressam o desejo de ganhar ou comprar. Os bustos referenciam aspectos de saúde.

A maior parte das esculturas é industrializada. São peças de cera (parafina) que é removida anualmente, além de serem aproveitadas para a confecção de velas.

A vinculação entre museu e igreja, *a priori*, é verificada a partir dos seus funcionários. São os mesmos que cuidam e zelam da igreja, estão vinculados à administração da igreja e trabalham inclusive na contagem do dinheiro dos fiéis.

O museu, criado em 1975, serviu à igreja como marco da conservação – aqui não em seus aspectos museográficos – dos símbolos da fé religiosa. Isso é de fundamental importância para qualquer religião que procura sua difusão. A conservação de todo o acervo é feita de maneira simples e rudimentar, sem maiores critérios técnicos.

### **Crença e milagres: o sentido da fé no Bomfim**

É o sentido da fé que sustenta a crença. Esses sentido é vivenciado por acontecimentos “extra-naturais” ou vistos como incomuns, vinculados a um determinado espaço, onde o fato se desenvolveu. Sendo este encabeçado por objetos

animados ou pessoas. Os objetos passam a ser marcos para pedidos; as pessoas tornam-se santos. Os objetos são “milagrosos”; as santificadas e agora transformadas em imagens simbólicas, passam a ser proporcionadoras de milagres.

Traduzir o exposto acima para o Bomfim seria caracterizar as imagens santas e o próprio Bomfim como agentes proporcionadores dos milagres. A fé nessas imagens – especialmente ao S.B.J do Bomfim – reside no fato de estar ligada a uma crença atuante quando de uma necessidade. A crença em alto-mar, no momento de desespero, é remetida ao Senhor do Bomfim. A salvação após o pedido caracteriza a crença através de um milagre proporcionado pelo pedido (fé) consubstanciado pelo santo. Exemplos disso são os marcados, principalmente com os quadros pictóricos, em que se vê a tormenta, o desespero como representando o perigo; e, ao fundo N. Sr. Crucificado representando a “Luz” ela salvação, ou seja, a crença daqueles direcionada à fé ao santo, buscada como forma de proteção, que serão a posteriori, as desobrigas votivas que povoarão a “sala de milagres”. (18)

“Com a bagagem cultural dos colonos lusos chegou ao Brasil o catolicismo tradicional ou popular, trazendo em seu bojo o trato otimista com a divindade e os santos. Marcas de ocupações culturais foram as ermidas, muitas das quais se tornaram capelas, igrejas e matrizes. Todas elas, porém, tiveram muitos féis, deram origem a cultos organizados. A notícia dos milagres operados, sobretudo em locais assinados por acontecimentos extraordinários, levou à construção de santuários famosos”. (19)

A partir da tese levantada pela museóloga Maria Augusta, nota-se como se pode dar uma evolução e consumação de uma sala em “sala de milagres” e desta em museu. É pela propagação de idéias, baseadas em cultura proporcionada por um culto elucidado com fins de salvação, que vai culminar com o acúmulo das desobrigas votivas, mas que, também, a contingência de suplicantes de diversificados interesses aumentará. O que tornará prático a incidência de pagadores de promessas, esmolés e cultuadores das rezas.

Do ponto de vista das rezas, nota-se, na “sala de milagres” do Bomfim, uma variação: O cristianismo e a umbanda. A presença da reza católica (cristã) é uma constante, diante dos ex-votos e do acender das velas (na “sala de milagres” é o local apropriado), bem como na prática das missas. A presença da umbanda, como religião africana é notada na vestimenta, nas sextas-feiras, e nas rezas observadas na “sala de milagres”. A observação se deu no momento do horário de visitação, e no mesmo momento em que um funcionário fazia críticas (sem proibi o) a tal.   uma outra demonstra o da jun o cultural do Bomfim, mesmo que nesse momento e local

referenciados a igreja não permita, por não ter “sentido religioso - cristão” e por estar apenas relacionado à festa do Bomfim. (20)

Do ponto de vista da promessa, nota-se o compromisso à sexta-feira e na renovação do ex-voto de cera. O acender das velas não deixa de ser um compromisso ex-votivo. Ele se desenvolveu não apenas no momento em que se acende uma vela, mas também pela constante repetição semanal, mensal etc. – do ato. Há, também, o descompromisso dos constantes atos, como foi demonstrado em alguns depoimentos. A maioria das desobrigas em velas (acesas ou não) referencia pedidos de emprego, estudos e saúde. E pode vir a ser acesa posteriormente à graça alcançada. (21)

O sentido da fé tem duas importâncias: uma que originou a crença e outra que divulgou e desenvolveu. Em ambas há uma relação. A primeira criou e atraiu os fiéis. A segunda, em um difusionismo, criou um mito a partir das peregrinações, o que reforça a fé e os milagres ligados ao Bomfim.

### **Superstições e investimentos: a exploração na crença**

As superstições estão ligadas à crença. É um fato indissociável da aproximação da fé. Num Estado onde as superstições são perpétuas às pessoas e estão em seus cotidianos. A “colina sagrada” parece ser a “morada” delas. Elas estão em toda parte. Na vestimenta; com os vendedores; no uso da fitinha do Bomfim etc. Mas ela está nos investimentos, um problema que envolveu toda uma relação cuja base não é a produção, mas a crença.

Saltar a “guia” do vendedor à porta da igreja, é uma afronta ao seu dia. Tal afronta trará azar e “nada dará certo durante o dia”. Assim como não vestir-se de branco ou não se benzer à entrada da igreja.

Mas há um lado que relaciona todo seu processo de crença – investimento - superstição, tendo como prática a exploração. A crença é, como já foi dito, estar com fé representada no santo. Como investimento, podemos, *a priori*, visualizar todo o aparato de vendedores ambulantes e barraqueiros. Isso como infra-estrutura de consumo externo, onde ex-voto e culinária baiana são vendidos.

Internamente há a procura de “ganhar a vida”. É a venda de velas. É neste ponto que se pode visualizar a superstição diante da tentativa de investimento. Velas ex-

votivas são dadas a determinadas pessoas que passam a vendê-los de forma a ter um mínimo de ganho.

A recusa de uma vela – de grande porte – por estar “um pouco queimada”, caracteriza a superstição no investimento. Durante a pesquisa notou-se que os funcionários dão maços de velas a pessoas que precisam ganhar o mínimo para se sustentarem. Muitos pedintes recusam determinadas velas, por estarem elas queimadas (mesmo que o mínimo possível). Diálogo entre funcionário e pedintes se acirra quando aquele critica a recusa mostrando a vela praticamente intacta. Na verdade pouco se queimou, e o futuro vendedor poderia, segundo o funcionário, apenas cortar o pavio e tornar nova a vela para a revenda. Mas a recusa é imediata. Isso é apenas um exemplo de um ato supersticioso ligado a pessoas que, por necessidade, pedem velas (que são ofertadas aos santos) para revender.

O que se percebe é a questão do medo vinculado à forma de uso do ex-voto que nunca fora cultuado, ofertado e orado, pelo vendedor ou comprador. Na verdade, o comprador está a par de toda a história. Ele apenas compra. Há sim superstição em vender ex-voto já doado ao santo – por parte do vendedor – mas, por outro lado, à doação não há superstição. O Museu doa ex-votos em forma de muletas a pessoas sem recurso. Enquanto doação, a o museu entrega ex-votos como forma a beneficiar uma instituição ou pessoas, e de caridade feita em nome da igreja, como é o caso dos ex-votos de parafina.

A crença, então, é explorada além dos sentimentos de fé. A exploração está a partir de tal sentimento, pois foi ele que proporcionou a peregrinação. E é desta que, no mundo do lucro e da necessidade, o consumo, a oferta e os investimentos propagam-se como forma de sustento de quem vive da exploração nas festas e visitas de lugares sânticos como o Bomfim.

### **Cultura e fé**

Hoje a história social se baseia nas relações sociais de épocas passadas (a origem), conflitadas com as idéias contemporâneas, fazendo relações entre as épocas com o único propósito de estudar o caráter de desenvolvimento da História. (DUBY, 1979)

O Bomfim parece ter aumentado de tamanho, mesmo sendo tal afronta contrária às leis do espaço geográfico. A população cresceu e o bairro se diversificou em termos de moradores. Não há só ricos. Na subida da ladeira que dá acesso à “colina sagrada” nota-se as escadas de sustentação da ladeira servindo de moradia para famílias vítimas dos êxodos campo-cidade, subúrbio-centro. Hoje, o Bomfim também tem a sua favela.

O largo, a praça, é ponto de comércio de exploração turística. Barracas, “guias”, vendedores ambulantes são um centro de obtenção de lucro em cima dos visitantes e romeiros. À noite, o comércio cede lugar ao medo. A partir das 22 horas é arriscado circular no largo do Bomfim. Pela manhã o transeunte também não está livre de roubo ou perigo similar.

Num país multifacetado, onde a desigualdade social move a estrutura da sociedade com contradições que radicalizam o modo de ver e sentir, as pessoas vão procurando formas de sustentar a crença e, diante dela, os festejos, fruto das ações culturais que o lusitano trouxe. O profano move a atração turística e o consumo cresce. Vêm-se fitinhas, acarajés e artesanato sendo vendidos diante do turista incomodado pelo insistente fotógrafo. Não há silêncio. O oferecimento do produto e o preço são, em espaço de segundos, exaltados pelos vendedores atônitos e supersticiosos que literalmente guardam as escadarias da igreja.

O misticismo e a crença se misturam e são fatores concretos, o que faz ainda mais a diferença entre a “colina sagrada” de hoje e aquela dos idos séculos XVIII e XIX. O aumento da pobreza e a exploração no próprio desenvolvimento da fé religiosa, fruto da própria necessidade de sobrevivência do vendedor que, vivendo em um país consumista, procura ligar a procura da fé religiosa dos visitantes (ou curiosos) às suas “lembranças do Bomfim”.

Cresceu a pobreza no espaço geográfico da antiga freguesia da Penha. Àqueles que ali moravam e que possuíam seu espaço, a fuga serviu como forma de se desvincular de uma área promíscua. Àqueles que foram senhores de engenho e políticos, a conquista de um “novo” bairro foi concretizada.

Tal qual o Pelourinho, a aristocracia se mudou. Mas não pode deter o avanço e a junção cultural do Bomfim. Ali, nenhuma classe conseguirá deter o caráter mítico da crença religiosa.

## Referências

- ABO, Magali Jurema. “Ex-votos: à venda um conjunto de fé”. In: **Arte hoje**. Rio de Janeiro, 2 (14), 48-49, agosto de 1978.
- BARROS, Souza. **Arte, Folclore e Subdesenvolvimento**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros. “A Sala de Milagres na Igreja do Bomfim. Museu de Arte Popular ou Visualização de Comportamento?” In: **Boletim NEHAP-UFBA**. 1989. p. 4-18.
- CARVALHO, Carlos **Alberto de. Tradição e Milagres do Bomfim**. Salvador: Typografia Baiana, 1914.
- CARVALHO FILHO, José e. Freire de. **A devoção do Senhor do Bomfim e sua História**. Salvador: Typografia de São Francisco, 1923.
- CASSIRE, Ernest. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- DUBY, George. “História Social e Ideologias das Sociedades”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**, 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979. p. 130 -145.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. “Ex-Voto” Rio de Janeiro, Editora Enciclopédia LTDA. Volume X. p.794-95.
- OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte. Salvador: EBA/UFBA/Mestrado em Arte, 1995. 122 p. il. (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. “Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia: Semiologia e Simbolismo no Patrimônio Cultural”. In: Em foco – Revista Museu. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=6942> . Acesso em 01 de abril de 2007
- SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e Orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Ática, 1981. p. 108-109.
- VALLADARES, Clarival do Prado. Riscadores de Milagres: Um Estudo de Arte genuína. Rio de Janeiro: Superintendência de Difusão Cultural SED-BA. 1970.
- VILHENA, Luis dos Santos. A Bahia no século XVIII. Salvador: Itapuã, 1969. p. 46. (coleção Baiana, vol. I)